

Síntese extendida para uns trinta anos, Crônica do artista cearense (brasileiro) que obteve prêmio de jovens investigadores no World Cultural Council 2022

An extended synthesis for about thirty years in Ceará state, or Chronicle about the Brazilian artist Edicleison de Freitas who received Young Researchers Award at the World Cultural Council 2022

André Feitosa de Sousa
andre_feitosa@msn.com
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – FCHS
Universidade do Algarve
ORCID iD 0000-0003-0695-975X

Artigo recebido em 2022-12-02
Artigo aceite em 2023-02-28
Artigo publicado em 2023-02-28

Resumo

Ao final de novembro de 2022, na Universidade de Coimbra, a instituição “World Cultural Council” realizou sua 37a. Cerimônia de Premiação, onde compareceram dois nomes celebrados na esfera da criação artística: na categoria principal (Prêmio Mundial de Artes Leonardo da Vinci), a arquiteta americana J. Meejin Yoon (1972-); na categoria de jovens líderes investigadores, o ator brasileiro Edicleison de Freitas Cardoso (1992-), único artista experimental/artista visual e Doutorando de Arte Contemporânea (Colégio das Artes da Universidade de Coimbra), ao lado de doze outros contemplados, em variadas áreas diferentes. Trata o presente documento de resgatar aspectos da carreira profissional e criativa do Sr. Freitas Cardoso, de modo a oferecer inteligibilidade para o contexto da sua atual premiação internacional.

At the end of November 2022, at the University of Coimbra, the ‘World Cultural Council’ held its 37th. Award Ceremony, attended by two celebrated names in the field of creative arts: in the main category (Leonardo da Vinci World Arts Prize), the American architect J. Meejin Yoon (1972-); in the category of young research leaders, the Brazilian actor Edicleison de Freitas Cardoso (1992-), the only experimental artist/visual artist and PhD candidate in Contemporary Art (College of Arts, University of Coimbra), alongside twelve other recipients, in various different areas. This document seeks to introduce aspects of the professional and creative career of Mr. Freitas Cardoso, in order to provide intelligibility for the context of his current international award.

Palavras-chave

Artes visuais e performance artística • Arte brasileira • Edicleison de Freitas Cardoso • Conselho Mundial Cultural

Visual arts and performative arts • Brazilian art • Edicleison de Freitas Cardoso • World Cultural Council

“[...] Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas asseado e forte – assim se fosse um cheiro bom sem cheiro nenhum sensível – o senhor represente. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse. Se via que estava apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si. Eu queria que ele gostasse de mim [...]”

– J. G. Rosa, *Grande Sertão: Veredas*



Figura 1. Transmissão da Solenidade Acadêmica, no Canal de YouTube da Universidade de Coimbra (1h 11m 30s)

Edicleison Freitas apresentou-se, em 2021, como artista solo¹, por ocasião do “Ciclo de Teatro e Artes Performativas MIMESIS”, sentado como quem interrompe e ocupa, toda a densidade histórica, na Escadaria do Paço das Escolas, acesso principal para o Salão dos Grandes Actos da Universidade de Coimbra.

Daquela tarde, durante o aberto solar de um 21 de maio, na totalidade de sua amplitude física e simbólica, com a paisagem simultaneamente desobstruída e reservada para o seu gesto artístico,

1. Vide: https://www.uc.pt/cultura/mimesis/Programa-Geral_Mimesis_2021.pdf/

o tempo e o corpo modificou o estado, para uma manhã institucional, de 30 de novembro de 2022, quando o jovem Doutorando Edicleison Freitas Cardoso adentrou o mesmo Salão dos Reis e das Coroações, em procissão acadêmica solene, com Reitores, Diretores, Professores e Pesquisadores Notórios ao quilate do Prêmio Nobel, em áreas da Física e da Química.

Por ocasião da 37.^a Reunião do World Cultural Council, realizada na Universidade de Coimbra, acompanhou-se² o ingresso de treze jovens líderes pelo referido Portão, a representar seus campos de investigação e a singularidade dos seus enfoques compreensivos, assim premiados na capacidade de inspirar gerações futuras, em áreas diferentes como ciências ambientais, ciências marinhas, neurociência, biologia molecular, física, engenharia química, engenharia da informática, psicologia, história, arquitetura.

O Sr. Freitas Cardoso foi o único brasileiro e o único artista experimental homenageado, emprestando a sua juventude para dignificar o vasto campo das artes brasileiras, das artes visuais e da performance artística, selecionado no contexto desta homenagem pública, articulada por instituição internacional com sede na Suíça, sem fins lucrativos e de caráter humanitário.

Foi o Presidente do World Cultural Council, Sir J. Fraser Stoddart e Prêmio de Química, atribuído em 2016, pela Academia Real de Ciências da Suécia, quem repassou um atestado celebrativo, documento por escrito, sobre o trabalho pioneiro de Edicleison Freitas, conduzido entre os anos de 2013 e 2017, junto a instituições públicas educacionais, no Estado do Ceará (Brasil).

Então docente de artes nas Escolas Estaduais de Educação Profissional, no Estado do Ceará, entre Cascavel e Beberibe, o professor Edicleison Freitas formulou, dirigiu e executou um conjunto de vinte trabalhos autorais, com o objetivo de narrar os conflitos do presente, entrecruzados por graves colapsos sociais e climáticos.

Na sua poética recortada pela genialidade criadora, a insurgência dos vencidos não se omite para a violência dos ganhadores. Encaminhou, assim, Edicleison Freitas, seus próprios grupos de teatros, dirigindo o GATEQ, e, depois, o Corno de Rinoceante. Em suas múltiplas funções sociais (maturação cognitiva-motora, ensino de conteúdos, ludicidade, convivência, cidadania...), Edicleison Freitas ousou pensar a dimensão pública da Escola, necessariamente, como um dispositivo complexo de transmissão da cultura humana, embora, neste caso, a partir dos processos de arte, liderados por Edicleison Freitas e seus coletivos, transformar a Escola em centro cultural para difusão de arte na vida comunitária.

Em sua produção correlacionada, destacam-se “Toda Palavra Reciclada” (apresentado no FECTA 2016 – Mostra Estudantil, selecionado para o FECTA 2017 – Mostra Oficial), Espetáculo “Ô” (2014), “As Claras” (2015), “Beber, Banhar” (2016), “Nancir” (2016) e, aquele não menos provocante³, sua obra “Ritual Vindication” (2019), que antecedeu a viagem como estudante, em Portugal. Destes coletivos, foram mais de cinquenta apresentações, em diferentes municípios do Estado do Ceará.

O que se escolhe falar ou calar, onde pesa, afinal, na viagem que comunica uma mensagem a terceiros, a decisão para lembrar ou esquecer de algo? Embora afastado da estética panfletária como educação explícita das massas, o trabalho estético de Edicleison Freitas, alimentado por suas atitudes silenciosas, apresentou-se como ferramenta de enfrentamento político.

Trata-se de incidir outros debates progressistas sobre o campo formal da Escola, dos feminismos, dos transgêneros, das sexualidades fluidas, por exemplo, de modo a dilatar uma fronteira estreita da cultura, segundo valores históricos das elites nacionais.

Não apenas com o teatro, transversal, outrossim, às orientações dos projetos científicos que desenvolveu com seus alunos, bem como ao longo do seu papel de “Diretor de Turma” (mediador, para uma turma escolar específica, no acompa-

2. Vide: <https://noticias.uc.pt/artigos/universidade-de-coimbra-recebeu-entrega-dos-premios-do-world-cultural-council>

3. Ver mais: Belmino & Cardoso, 2020.

nhamento pessoalizado entre famílias, demandas dos alunos e o equipamento Escolar), fato é que a realidade encorpada de Edicleison Freitas emanava dissensos e disputas contra as narrativas hegemônicas.

Fazer-se caber nas instituições significava, para o mesmo Edicleison Freitas, buscar o lugar e cavar espaços de dignidade para outros corpos, a exemplo dos seus alunos, certamente periféricos, quando não marginalizados, a depender dos marcadores de exclusão social atribuídos.

Portanto, um tal protagonismo dos grupos sociais vulnerabilizados, a partir do enquadramento proposto das cenas/espços performativos, deslocava o fenômeno da cultura, no sentido cada mais antropológico inclusivo, sensível de um reconhecimento para narrativas afro-indígenas e racionalidades tributárias do cotidiano vivenciado por outras minorias afetivas.

Todos os espetáculos, assinados por Edicleison Freitas, em sua conquista de criação institucional, carregavam uma paisagem social e visual que lhe dizia profundo interesse existencial.

Esta foi a Escola ocupada pelos alunos do professor Edicleison, seja a noite em contra-turnos, seja nos espaços ociosos para arquivo e ensaio, seja nos portões abertos, por infinitas manhãs de sábados e domingos, seja a cumplicidade que se estendia pela cidade, pelas sorveterias, pelas lanchonetes, pelas praças, pelo mar e pelo céu.

Provocação e efeito de um atravessamento situado pelo teatro, esta foi uma definição de Escola situada como espaço em disputa para a cultura do mundo-vida, uma Escola, portanto, Teatro Feroz do Mundo.

Em “Toda Palavra é Reciclada” a plateia foi invadida por uma relação matrimonial abusiva-explosiva que, no seu máximo, compareceu no espetáculo “As Claras”, pela horizontalidade da vontade autoritária, com filhos e esposa abusadas, ao custo do tempo em repetição. Nesta última obra, por ocasião do II Festival de Teatro (“Se Essa Rua Fosse Minha”), realizado em 2015, pela Prefeitura Municipal de Cascavel, Edicleison Freitas obteve o prêmio de Diretor.

Também na obra “Nancir”, a figura do irmão (boneco) já morto, em cena, enterrado e fincado, resistindo ao aniquilamento do esquecimento,

com as irmãs mais velhas deixadas para trás e fraturadas, lançadas à morte pela comunidade que se evadiu, e a própria circulação da tragédia iminente, flagrante, visível, de corpo marcado. Desta que era uma sugestão da morte, como personagem, então, no espetáculo “Ritual Vindication”, aparece uma personagem que é sombra e mancha perfurante, hostil para além do signo do petróleo ou da falsa sacralidade pela ganância – o vestígio da morte, novamente convocado, em “Nancir”, venceu sob a impotência do público.

Se no espetáculo “Beber, Benzer, Banhar”, as duas personagens jogam com a imaterialidade letal, da sede e da fome extremas, uma mesma sensação de esvanecimento consentido, indiferente e iminente no desespero, também se aguça no espetáculo “Ô”, dos quatro camburões de lixo que são moradas tóxicas (personagens com máscaras de respiração), o trânsito dos corpos para o exercício de um poder que é morte, o alimentar-se remanescente com o plástico-filme e despojos/descartados pela intimidade da cozinha.

Há várias chaves, por conseguinte, de modo a entender a construção poética de Edicleison Freitas, naqueles anos, de realização e coletivos escolares, nas periferias da Região Metropolitana de Fortaleza.

Sem dúvidas, a pista das personagens femininas e os significados biográficos das mesmas, além do que, mesmo quando não diretamente atuando, observa-se que o criador Edicleison Freitas parece estar presente – em cena, elaborando o insuportável do passado real, através de uma personagem colateral e seus conflitos.

Não exatamente de atuação terceirizada discreta ou difusa, embora a carga energética, destas referidas personagens-enigmas, localizam uma poética de teatro/performance derivada de imagens onde habita o desejo criador de Edicleison Freitas.

Nunca afastado desta jornada profunda com imagens fortes, Edicleison Freitas é soberano e extravagante em seu mitologema, com todas as notas, todas as noites longas da imaginação, sem concessões para intrusão de outro pacto comunal sobre o reservatório ontológico mínimo que é seu real criador.

O que se recorta, transversalmente, como investigação prolongada sobre a natureza ou o meio ambiente do contemporâneo, surgem con-

sorciados ao programa de educação ambiental e sua respectiva Mostra Anual competitiva⁴, na dinâmica formativa das Escolas Profissionais, onde participava Edicleison Freitas.

Obviamente, no intenso labor criativo de Freitas, o enfrentamento proposto às causas antropogênicas do aquecimento global tornou-se, ele mesmo, como torção epistêmica e institucionalmente subversiva, na medida em que uma prática artística realizada na instituição Escolar abandonou o pressuposto de arte “amadora” em favor da arte “experimental”, para conquistar autonomia de saber e jamais sugerir que sua definição poética estivesse subordinada à função ilustrativa de um pensamento disciplinar institucional que lhe fosse anterior.

Trabalhando com a formação de elenco e de plateia, cruzando teatro experimental e performance, na construção de novos coletivos e visibilidades de reciprocidades afetivas, Edicleison Freitas transformou a experiência estética, produzida com os grupos sociais vulnerabilizados (seus alunos, suas plateias), neste encontro político direcionado, junto às mulheres reais, senhoras de idade e residentes em sua comunidade, escravizadas nos afazeres domésticos do machismo e privadas de novas ofertas culturais públicas.

Nascido no distrito de Guanacés, ladeando pela colina sagrada da Mataquiri, no município de Cascavel (Ceará), toda a formação basilar do menino Edicleison transcorreu-se nas Escolas, Universidades e Equipamentos Públicos da Educação/Cultura, no Ceará. Ao lado do seu irmão mais velho, um flautista de música de câmara, também Edicleison tornou-se artista profissional (ator e diretor de teatro), apesar das limitações impostas pela miséria contextual.

Sua monografia de Conclusão de Curso, no Instituto Federal do Ceará, resgata a trajetória biográfica para a elaboração deste lugar artístico de tensões, segundo o prisma do interior rural e o

cenário da privação de recursos econômicos, nestes últimos vinte anos, a partir das periferias sociais visitadas e suas adversidades.

A constatação de uma poética distópica de Edicleison Freitas não se afasta, outrossim, da narrativa de realidade onde habitou, conforme um testemunho histórico e também geracional que extravasa da sua criação, qual seja, do manejo da arte como mecanismo de insistência de outro possível, ao tempo em que localiza e denuncia a violência que segmenta sua experiência abismática de corpo periférico.

Neste prisma, o fazer artístico de Edicleison Freitas impõe-se como enunciação projetada de alternância para o modelo vigente de conhecimento conveniente abstrato, a saber, convocando um performativo de saber no imediato do seu corpo, para direção não hegemônica ou canônica, assumindo os riscos de uma cognição que se suspende, coletivamente, pelo compartilhar deste ambiente sensível modificado em função de necessidades outrora invisibilizadas.

Reconhecer a força criativa no pensamento de Edicleison Freitas implica, ademais, também celebrar a resiliência destas mulheres, as mães solo e trabalhadoras sem garantias trabalhistas, no arrimo e sobrevivência lancinante de suas famílias, neste caso, a potência de vida e delicadeza no cultivo de flores, transmitida da Sra. Maria Dilene, para os dois filhos e netos artistas.

Na citação oral para a homenagem de Edicleison Freitas, o então Diretor do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, Prof. Dr. António Olaio, cujo discurso foi assimilado no ambiente do World Cultural Council, enfatizou as habilidades múltiplas deste que é um artista das operações mistas entre espaço e corpo, da qualidade energética da presença, do rito, do teatro, da dança, da performance, da instalação artística, da pintura, da fotografia, da percussão, da cenografia, do figurino, do bordado autoral, da maquiagem artística, dos artefatos etc. Sugiro a leitura do ensaio⁵ complementar, a respeito de outra impressão, do seu trabalho artístico.

4. Refiro-me à Mostra Ambiental – seletiva regional da CREDE-9 (Litoral Leste), evento organizado pela Secretaria da Educação do Governo do Estado do Ceará, onde participavam as Escolas Estaduais de Educação Profissional.

5. Vide: <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/rotura/article/view/48>

Alavancada nos termos de tornar bem-vinda colisões de pensamento, a proposta artística de Edicleison Freitas buscou interromper a expectativa social de arte fácil e indulgente, para repovoar imaginários e disputar o projeto naturalizado de real, a partir de um grupo artístico experimental na Escola Pública, com espetáculos tematicamente complexos, de processos sofisticados e necessariamente gratuitos, por meio de narrativas e materiais corajosamente improváveis.

Não há outra forma de afirmar, se não, que o trabalho artístico de Edicleison Freitas nos salva, a nós todos, receptores, pela inquietude que convoca a experiência humana, coletiva, histórica e de resistência social, face o aniquilamento do não sentir/do não sentido, da vida nua e automatizada.

Desde a pintura de Darcílio de Paula Lima (1944-1991), a escultura de Luiz Hermano Façanha Farias (1954-), não se viu, de subjetividades forjadas naquele município de Cascavel (Ceará), uma vocação de estruturação artística tão robusta, potente e sofisticada, quanto o fazer em curso de Edicleison de Freitas Cardoso e seu inconsciente artístico deslindado.

Como explicar, nos termos da racionalidade e não de eventos da sincronicidade, ou da ancestralidade, ou do talento absoluto e de origem misteriosa, qual outra narrativa oferecer para localizar o surgimento de um conjunto de vinte obras excepcionados, radicadas no imaginário e na fúria criativa de um artista oriundo de família/comunidade dramaticamente pobres?

Em uma leitura que não abandona o mítico, o que significa, arquetípica e coletivamente, adentrar ou retornar o espaço dos Reis, acessar ou reaver o espaço como lugar de pertencimento, quando o corpo impõe seu rastro comunal de quantos mortos ou excluídos?

Dentre todos os homenageados, acadêmicos outros como o próprio Doutorando Freitas Cardoso, apenas o Senhor Edicleison não se apresentava com as vestes talares (incluindo capa longa) da Universidade de Coimbra.

Sabem os ossos a qual intervalo (lugar) de fricção pertencem, antes e além dos protocolos burocráticos, antes, sobretudo, da consciência vir a formular a experiência em manejo de símbolo (simbolização), sabem e já se portam, antes, inclusive, que comunique, a si e a terceiros.

Destituído das becas, o Doutorando Freitas Cardoso foi chamado nominalmente, apresentado pelo Senhor Doutor Professor e Diretor, a frente de dez bandeiras, dentre as quais, da própria Universidade e da Comunidade Europeia, então acompanhado, ou escoltado, em deferência por sua autoridade, pelo Senhor Mestre de Cerimônias, envergando o cetro/a maça da nossa Alma Mater, esta já vetusta Universidade. Um tirso, imaginei, para contextualizar os passos de um filho do Teatro.

Subiu, paço a paço os degraus do carpete vermelho e tênis branco, sob os olhos do Magnífico, ladeado sobriamente por um Prêmio Nobel, ao fundo dos azulejos tradicionais, em tom azul. Tudo muito organizado, a fugir do rito antropofágico, simbólico e iminente⁶.

Apertou as mãos, sorriu, rosto limpo e óculos confortável, pousou o silêncio da eternidade, com fotos e flashes efêmeros, por todos os lados, as quantas pinturas do Salão de Grandes Atos.

Pensei, de imediato, nos seus avós, especialmente no seu avô materno, um senhor agricultor – ali, também consubstanciado, misturado pela mesma substância em dignidade visível, eram um só, ocupados do mesmo fitar dos olhos.

Sua cabeça estava erguida, seu corpo esguio e pleno, enquanto me ocorria que se saber de si é um estado de graça, de dádiva e de liminaridade para quase ninguém, quase nenhum vivo: recolher, reter e fazer explodir de si é um acontecimento epifânico, uma ressurreição, próprio do manejo da arte na alteração dos espaços.

Desceu, centradamente, os passos escoltados pelo Senhor Mestre de Cerimônias. Venceu, um touro, um Dionísus transfigurado em acadêmico. Tudo isto, na Sala da Coroação, com a familiaridade de conhecer de si, dos seus atravessados em vida, dos mortos que carregava em sombra, do perigo que oferece ao mundo moribundo.

O Senhor Diretor, ao realizar sua citação oral de Edicleison Freitas, modificou o texto original, já apresentado no catálogo divulgado, para des-

6. Vide: <https://wcc.uc.pt/special-recognitions/>

crever o referido trabalho artístico: “... his work... has intervowen theatre, performance and dance, and reflects a deep concern for the environment...”.

Na tribuna oral, todavia, afirmou o Senhor Diretor, indissociável ao cargo que representa na solenidade: “... a deep concern for the environment and the ancestral knowledge...”. Eis aí, publicamente, a tal Universidade de Coimbra, em seus expedientes oficiais, ratificando as capacidades do artista contemporâneo, junto ao campo do “saber ancestral”, enquanto faceta válida da criação especializada e da formulação estética. Está gravado e disponível em vídeo⁷!

Nesta mesma e breve citação, ao localizar um trabalho artístico que se desenvolve com “grupos marginalizados”, o ilustre Senhor Diretor também define as escolhas de Edicleison Freitas pelas cercanias da sua necessária vivência política, ele próprio constituído em sua memória de abuso da polícia e da iminência da morte pela indiferença trágica da miséria, da precariedade nos transportes públicos submetidos aos assaltos frequentes, seus amigos de infância mortos, para não subscrever um vocabulário mais amplo dos traumas sociais.

Talvez, não por acaso, a capilaridade no discurso visual e narrativo, a partir das suas instalações cênicas (inclusivas de múltiplos actantes orgânicos), dirige o corpo de Edicleison Freitas como dispositivo de alteração urbanística por usos dos espaços públicos, com apresentações gratuitas realizadas, nas ruas ou na fronteira cedida dos equipamentos sociais (escolares).

Embora próximo, no raio dos sessenta quilômetros, com residência ainda situada territorialmente na Área Metropolitana da Capital de Fortaleza, os trabalhos e corpos autorais dos coletivos liderados por Edicleison Freitas reivindicavam tais espaços não frequentados pelos discursos habituais das artes e sua historiografia legitimada: seus ensaios abertos, suas estreias, os diálogos no Ensino Superior local, as estratégias para captação de recursos, a relação afetiva com bordadeiras e costureiras locais, a inclusão da atmosfera das

feiras populares, o trânsito permanente entre o arte popular e a arte conceitual, nenhum daquelas recorrências foi casual.

Durante seu primeiro contrato institucional, à época docente na instituição Escolar, em 2013, o já artista era um jovem trabalhador de 21 anos, desenvolvendo suas atividades com adolescentes escolarizados de 15-17 anos, oriundos da sua mesma cidade e perspectiva socioeconômica, ambos fardados, professores e alunos, com as mesmas camisetas verdes, oferecidas pela institucionalidade do Estado.

Enquanto a nova remuneração emprestava sobrevivência do filho artista para sua mãe desempregada, cujo ingresso, a permanência continuada e a autorização de trabalho em criação artística, no ambiente da Escola, permitiu o florescimento de intensos processos subjetivos, mediados pelas oficinas coletivas e trabalhos imersivos, de preparação e construção de apresentações artísticas que surgiram.

Habitando o terreiro dos ensaios regulares, seus corpos não distavam na vizinhança da mesma realidade social, embora, os sonhos do professor Edicleison Freitas pareciam mais exigentes que uma mesma expectativa resignada dos seus alunos. Retrospectivamente, aqueles alunos mais dedicados aos processos formativos de arte, a exemplo do próprio facilitador Edicleison Freitas, seguiram suas formações profissionais acadêmicas, alguns com experiência de ingresso no Mestrado.

Foram aqueles anos subseqüentes que Edicleison Freitas vivenciou, na última década (2013-23), onde novos processos formativos, em arte e de experimentações autorais, foram alicerçados, por sua vez, sobre os fundamentos da adolescência que apresentou seu corpo ao domínio do sensível, através de oportunidades da Igreja Católica/Pastorais, de Associações Assistenciais (grupos artísticos) e das Manifestações Populares da Cultura.

Sem qualquer apoio de governos/editais públicos, ao longo destes anos, a criação e o pensamento de Edicleison Freitas dependem, exclusivamente, da sua força explorada de trabalho.

Atualmente remunerado pelo comércio dos serviços, com seu tempo limitado pela exaustão do trabalho precarizado, dos afazeres domésticos de um adulto independente, das exigências pontuais na rua,

7. Vide: https://www.youtube.com/watch?v=VpzH_p-H_M8

desde criança, entretanto, Edicleison já assumia a responsabilidade na cozinha familiar, com sua mãe em trabalho remunerado externo.

Com o tempo e as condições de vida em muito racionados pela subsistência, ainda assim, reserva o investimento criterioso do desejo em processos de arte (residências, apresentações, exposições, vídeo-performances, instalações, fotografias, aulas públicas, estudante de Doutorado, estudante de Teatro, diretor de Teatro, gestor de Formação de Teatro etc).

Seus desenhos e croquis semanais não foram extintos, seus diários criativos não desapareceram, sua mochila de artefatos e materiais tão presentes quanto os tutoriais de aprendizados manuais, pouco sono, pouco lazer, alimentação disciplinada e saudades.

Desta não se pode afirmar como uma rotina de manejo simplificado, se não, a persistência em não desaparecer com o próprio sonho.

O sentimento de abandonar, precisamente, esta referência de sentido na vida comunitária, de modo a residir e refletir de alhures, conforme a vulnerabilidade do estatuto de imigrante, sem família, no estrangeiro (Portugal), significou um terrível e necessário desprendimento, a vista de outro momento, neste percurso de formação avançada artística.

A experiência de conhecer a Europa, em 2015 (Summer School de Arte) e, novamente, em 2017 (Residência Artística), para já retornar, como estudante, em 2019/20, trabalhando pela sobrevivência com recursos próprios e muito escassos, distanciou fisicamente e refinou Edicleison Freitas em suas escolhas poéticas.

O Prêmio de 2022 buscou reconhecer, no esfera de competência do World Cultural Council, as iniciativas oriundas dos múltiplos saberes, capazes de enriquecer e transformar os modos de vidas das próximas gerações, no prisma de uma sociedade renovada em seu anseio de bem comum.

Mais especificamente, nos seus anos como docente de arte na Escola Pública, o trabalho de Edicleison Freitas contemplava uma potência comum do sensível, dirigida como intervenção destas novas sociabilidades almeçadas.

Temas assim reputados como inseparáveis, para Edicleison Freitas, a dimensão emocional da arte entrecruza-se na vida, na política e nos direitos

humanos, orientada em agir de militância contrário ao estado ideológico de ruptura afetiva que não reconhece o Outro como portador de dignidade.

De modo a confrontar uma tal supressão de potência sentimental, a arte de Edicleison Freitas questiona, também direta e ferozmente, o consenso de apatia onde o Outro pode morrer, abandonado. Afinal, se não importa a dor de um outro, humano e não humano equivalentes a recurso explorado, então, posso negar ou descartar sua existência. Este já foi o caráter de Sodoma, descrito no texto sagrado, por Ezequiel (16:49), enquanto recusa de cuidar uns dos outros, renúncia de responsabilidade pela vida outro.

Esta longa naturalização da morte violenta, no Brasil, abalizada em marcadores de raça, de classe, de gênero, de geração, de território, encontra, aqui, forte resistência epistêmica, no corpo dissidente de Edicleison Freitas e sua gravitação artística encarnada.

Para fazer justiça social e transgeracional, à memória da comunidade e violência dirigida também contra sua infância, as escolhas profissionais de Edicleison Freitas permitiram, neste caso, que o artista canalizasse um imediato de sobrevivência política para construir visibilidade dos múltiplos corpos marginalizados.

Embora trabalhando no sistema da escolarização formal, a estética de Edicleison Freitas não tangencia os confrontos sociais, hoje aproximados na escala de violência planetária (extrema direita), com o objetivo falsamente ilustrativo de converter o equipamento público em cínico espaço de segurança discursiva.

Ao contrário, e disso seus antigos Diretores Escolares podem testemunhar, em Cascavel e em Beberibe, respectivamente, dois experientes professores progressistas, além historiadores marxistas de formação acadêmica, que também a Escola, no pensamento criativo de Edicleison Freitas, ofereceu validação institucional ao campo de lutas das artes cênicas e plásticas.

A prática artística complexa de Edicleison Freitas também questionou as verdades assentadas do Estado na subjetividade dos jovens e suas famílias, empregando, por exemplo, a competência problematizadora e desestabilizadora no discurso contemporâneo em arte, para deslocar a faceta

óbvia de uma pedagogia panfletária, ornamentativa da institucionalidade burocrática e legitimidade do Estado de Extermínio e de Genocídio, conservado pela herança colonial no Brasil urbano.

Sabe o próprio Edicleison Freitas que as campanhas educativas, de vertente pacifista e solidária, nunca foram capazes, nesta isenção transferida para o testemunho de sua vivência social alargada, de impedir as ameaças contundente de morte, dirigidas aos corpos periféricos, tal como aqueles que habitavam sua rua.

De modo a enxergar aqueles, hoje, postos enquanto corpos mortos a serem também recolhidos, como vestígios do homicídio e das mortes não esclarecidas, foi necessário, para Edicleison Freitas, construir um discurso de arte capaz de transformar a subtração internalizada na capacidade de sentir outro – ou seja, alocar no seu palco ontológico, os meios para confrontar a mecanização desta desumanidade, de modo a restituir o choque inicial sobre o habitual, hoje silenciado, de um desespero como vida erodida de futuro.

A pretexto de uma formação transversal para a cidadania junto aos alunos, aqui, emprestado ao ambiente Escolar, o processo artístico de Edicleison Freitas tornou-se combate estésico, mediado pela imaginação de paisagens relacionais da arte, onde se denuncia o extrativismo infinito do Estado Liberal Capitalista.

Perguntando-se, no seu fazer artístico compartilhado, a respeito de qual arte, de qual mudança diagnosticada, de qual modelo societário, de qual arranjo comunal planetário, o pensamento de Edicleison Freitas convoca, ativa e amplia a fronteira experienciada do sensível, como estratégia para autocuidado, autoconsciência e autoorganização dos corpos violentados em sua plateia.

Sua convicção de justiça e dignidade universais associa-se ao repúdio explícito, contra o legado e atualização política contínua do autoritarismo/fascismo brasileiro, ao passo que o sarcasmo no uso abundante das referências visuais, também evidencia uma descrença vinciativa destas instituições geracionalmente manchadas de violência.

Não por acaso, Edicleison Freitas realizou ampla e criteriosa investigação, por exemplo, junto a diferentes tradições espirituais, processos curativos e mediações relacionais diversas que o

permitiram elaborar, apesar da oferta constatada dos mesmos procedimentos no tecido social, que a natureza da crise ambiental climática também reflete o esgotamento do imaginário político contemporâneo.

Afrontando o sobrenatural, na arte de Edicleison Freitas, o pacto da vida inscreve-se como fé no humano, fé na democracia, fé no clima, para agir colaborativamente sobre relações institucionais e processos sociais, atravessados pela brutalidade naturalizada de uma sociedade enferma no Brasil.

Foi a luz do exemplo e entendimento sobre a vida que, de Edicleison Freitas, também me iluminou e comoveu a muitos de nós, seu público, além do World Cultural Council: esta bravura respeitosa, ainda dos vinte anos, do rapaz pobre e artista que, trabalhando desde os quatorze anos, demarcou uma preocupação genuína e objetiva, oriunda do seu cotidiano espontâneo, com as mulheres, idosas e desassistidas pela miséria, em sua comunidade.

Todas as vezes que um novo espetáculo, catalizado pela fé humana irradiada de Edicleison Freitas, alcançava o coração destas mulheres, com quem, ainda adolescente, primeiro dividiu sua arte, dona Nancir, dona Ieda etc, via-se emergir o artista para quem a dor do mundo e do extermínio não pode lhe ser indiferente, razão da sempre revolta, da sempre indignação e inquietação.

Por nenhuma outra razão, poucas ou raras vezes, outras pessoas irão ou terão ou serão laureadas, em duas ocasiões de vida, na mesma Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra: quando Edicleison Freitas, agora doutorando, for arguido em sua Defesa Pública de Doutorado vindoura, será uma nova oportunidade para a imensidão da sua dignidade extravasar, entre os cômodos escuros, pequenos e sufocados das instituições.

Quando um artista nasce, porém, o mundo inteiro desorganiza os sonhos das gerações anteriores. Isso é o futuro que adentra o comum, perfurando, desequilibrando. Quando se reconhece um artista, pública e internacionalmente, são as capacidades da humanidade que se afirmam superiores aos abismos impessoais do universo. Isso é precisamente o amor onde descansa o futuro no seu campo de possível.

Quem invoca a krone ancestral na sala arqueológica da governança será o rei, o soberano do próprio destino e da letra/nome – e como própria de sua arte, alguém que desdenha o poder humano, por outra aposta de mundo. Naquela formulação visual de 2021, outra tarde poente com vistas para o Mondego, o notório Edicleison de Freitas Cardoso realizou uma intervenção por nome: “É preciso fazer alguma coisa”. Estava certo – e a fez! E muito a fará, em desfavor de uma sociedade que tanto investe na dor, no sofrimento e na violência. Longa seja a vida e o sopro da criação. Parabéns artista, família e Cidades (Cascavel-Coimbra).

Referências bibliográficas

- [1] África nas Artes (Canal YouTube). Conferência Ecos do Atlântico Sul – Instituto Goethe (Salvador BA, abril de 2018). Parte IV – Língua Bifurcada. https://www.youtube.com/watch?v=j_EwTemsK8Q
- [2] Belmino, W. G. & Cardoso, E. F. (2020). Animar esse chão que é abismo: Escola como p/arte nos conflitos civilizatórios. In W. G. Belmiro, F. N. Andrade & J. R. Ferreira Júnior (Org.). *Políticas públicas em educação: O cenário cearense em debate*. Diálogo Freireano.
- [3] Cardoso, E. F. (2018). *Coreografias heurísticas: Imagem, texto e gesto na experiência de um artista*. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura de Teatro), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_sophia=80837
- [4] Obrist, H. U. (2021, 28 maio). O curador suíço Hans Ulrich Obrist entrevista a artista Jota Mombaça. *Zoom – Revista de Fotografia*. Instituto Moreira Salles. <https://revistazum.com.br/radar/obrist-entrevista-jota-mombaca/>
- [5] Rosa, J. G. (1956). *Grande Sertão: Veredas*. Livraria José Olympio Editora.
- [6] Sousa, A. F. (2021). Esta crônica (&) misteriosamente (&) artística: D’Outra Coimbr’A-Baixa. *Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 2, 99-110. <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/rotura/article/view/48>
- [7] Turner, V. (1974). *O processo ritual: Estrutura e antestruturas*. Vozes.

Bio

André Feitosa de Sousa é Doutor em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra, Mestre em Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica pela Universidade Autónoma de Lisboa.

Como citar e licença

Feitosa de Sousa, A. (2023). Síntese extendida para uns trinta anos, Crônica do artista cearense (brasileiro) que obteve prêmio de jovens investigadores no World Cultural Council 2022. *ROTURA – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 3(1), 154–163. <https://doi.org/10.34623/7ft7-mg15>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.